



BULLYING ESCOLAR¹

Camila Fargi Faria²; Diego Gonçalves de Souza³; Ingrid Denadai de Sousa⁴; Marcus Vinicius Barbosa Frazão⁵; Nathallya da Silva Zanezi⁶; Lincon Fricks Hernandez⁷.

1 Projeto Integrador para avaliação de Disciplina.

2 Graduando do curso de Psicologia da Faculdade América,
2010554@sempre.faculdadeamerica.edu.br

3 Graduando do curso de Psicologia da Faculdade América,
2010625@sempre.faculdadeamerica.edu.br

4 Graduando do curso de Psicologia da Faculdade América,
2010635@sempre.faculdadeamerica.edu.br

5 Graduando do curso de Psicologia da Faculdade América,
2010526@sempre.faculdadeamerica.edu.br

6 Graduando do curso de Psicologia da Faculdade América,
2010414@sempre.faculdadeamerica.edu.br

7 Professor e Coordenador do curso de Psicologia da Faculdade América
Lincon.fricks@sempre.faculdadeamerica.edu.br

Introdução

A adolescência é um período de amadurecimento, onde ocorre o desenvolvimento físico e psicológico, é uma fase onde o ser humano se prepara para a vida adulta. A escola, nas sociedades letradas como a nossa, ocupa lugar por excelência para que se cumpram as funções da educação e da aprendizagem. Contudo, segundo o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, 2015), um em cada dez estudantes brasileiros é vítima de *bullying*. O *bullying* é um comportamento altamente prejudicial, podendo ocorrer de várias formas, onde existe vítima e agressor.

Diante disso, o presente trabalho visa discutir possíveis intervenções escolares e da psicologia sobre *bullying* entre adolescentes no contexto escolar, com o objetivo de descobrir possíveis soluções.

Metodologicamente, este trabalho adotou o tipo de pesquisa descritiva, enriquecido com fontes de pesquisa primária e secundária, utilizando alguns artigos científicos e livros relacionados ao tema *bullying* escolar e intervenções dos psicólogos no contexto escolar relacionados ao mesmo, tais fontes de pesquisa foram encontradas através do Google Acadêmico.

Resultado e Discussões

Sabe-se que a adolescência é um estágio de transição entre a infância e a fase adulta que, de acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), dura entre os 10 aos 19 anos, porém, para a ONU (Organização das Nações Unidas), essa fase dura dos 15 aos 24 anos. O começo da adolescência é descrito pelas transformações no corpo devido a puberdade e finaliza quando o jovem adulto fortalece sua personalidade, buscando ter sua independência financeira. A parte cognitiva do adolescente sofre alterações, como, por exemplo: aumento da habilidade de pensamentos subjetivos, de entendimento e raciocínio lógico. Foi visto que o *bullying* é caracterizado por atos de violência verbal ou física, podendo ocorrer de maneira contínua e intencional contra um ou mais indivíduos.



Lisboa, Braga e Ebert (2009), Cristovam, Osaku, Gabriel e Alessi (2010) e Nikodem e Piber (2011) aduziram que a maioria das agressões partem de meninos e em sua maioria são verbais. Kuhn, Lyra e Tosi (2011) apontaram que os mais envolvidos com o bullying direto são os meninos e com o bullying indireto são as meninas. O bullying direto é marcado, principalmente, por agressões físicas e o bullying indireto manifesta-se verbalmente, de maneiras mais sutis. Não existem evidências que possam entrever qual papel cada aluno irá adotar, visto que se pode alterar de acordo com as circunstâncias (NETO, 2005).

Com base em pesquisas, observou-se que são na fase da infância ou adolescência que o indivíduo frequenta a escola e se tem a descoberta da própria orientação sexual, onde a criança percebe que faz parte da comunidade LGBTQIA+ e, grande parte das vezes, da pior maneira possível, pois colegas de escola importunam crianças e adolescentes que não seguem as normas tradicionais impostas pela sociedade, como por exemplo meninos que não performam a masculinidade de acordo com estereótipos de gênero, assim como meninas que demonstram falta de feminilidade.

Além disso, vem se desenvolvendo, de maneira rápida, uma nova forma de bullying: o cyberbullying. São utilizados celulares e computadores conectados à internet, onde meninas são fotografadas ou filmadas em momentos sexuais, meninos são incitados a brigas e são filmados no instante em que estão apanhando, cenas são adulteradas com mecanismos tecnológicos, todos com o objetivo de serem divulgadas na internet com o fim de expor os colegas a eventos humilhantes (ASSIS, CONSTANTINO e AVANCI, 2010).

Observou-se quadros sobre uma conexão de condutas de bullying auferida de pesquisas sucedias em profusas partes do mundo e, apesar de ser possível apontar dados em comum aos diversos países, se torna de difícil comparação por conta das diversidades culturais. Assim, é de extrema importância a contextualização nas realidades locais quando análises sobre as características do bullying forem realizadas. Há poucos estudos brasileiros que realizam panoramas estatísticos de bullying escolar, mormente em grandes proporções. Os mais conceituados são realizados pela Abrapia (2000) e por Cléo Fante (2005). Foi realizada por Fante (2005) pesquisas no interior do estado de São Paulo, em ambientes escolares públicos e privados, com um conjunto de 1.761 alunos. De acordo com os resultados, 49% dos alunos estavam envolvidos com o bullying, sendo 22% vítimas, 15% agressores e 12% como vítimas-agressoras.

Em um estudo de Ristum (2008) foi encontrado dados que mostram delineamentos semelhantes entre a sala de aula e o local de recreio. Alguns apontaram que agressores preferem o recreio por ser um lugar onde podem praticar bullying sem serem identificados facilmente, evitando, dessa forma, possíveis punições. Assim, torna-se mais difícil passar despercebido e não ser castigado em sala de aula sob vigilância do professor. O que leva ao questionamento se em países em que os dados em sala de aula são maiores, os professores atuam de maneira que possa promover ou facilitar o bullying.

O bullying pode apresentar-se de maneira explícita ou sutilmente, podendo ser visto e confundido com brincadeiras de criança ou típicas para a idade do sujeito, contribuindo para a naturalização do mesmo. “Na minha sala não tem violência, só assim, gritar, morder, tirar o brinquedo à força, só coisas de criança” (Professora de escola particular de Ensino Fundamental da Bahia – Ristum, 2001: 103). O fenômeno é naturalizado diariamente de algumas maneiras que estão presentes na escola e sociedade, o que o torna naturalizado, sendo essa uma das dificuldades principais para enfrentá-lo e superá-lo.

É habitual encontrar professores e pais que têm como parte da fase de desenvolvimento da criança ou do adolescente inúmeros comportamentos de bullying. Contudo, segundo Fante (2001), o bullying não tem feitiço complementar ou refere-se a



brincadeiras de crianças. É algo violento, existente em todas as escolas, proporcionando sofrimento para uns e conformismo para outros (LOPES NETO, 2005).

Em concordância com Assis, Constantino e Avanci (2010), meninos e meninas são educados desde cedo para se comportarem de maneiras opostas na execução da sexualidade, carreira profissional, uso do corpo e expressões de sentimentos. Ainda antes de nascerem esses indivíduos têm suas vidas desenhadas com base nas expectativas de seus pais, que se baseiam no sexo biológico, que aprendem a “ser homem” ou “ser mulher”, estruturando um corpo como aprendizado social. Tal aprendizado configura o que Pierre Bourdieu (1992) chama de *habitus*, ou seja, uma soma de disposições psíquicas (coragem, valentia, recato) e corporais (modos de andar, sentar, fazer sexo) que exprimem uma conjuntura de normas culturais internalizadas.

É necessário que haja debates sobre o assunto para que sejam superados, além disso, é possível que a escola atue como agente positivo no processo de desnaturalização das maneiras de autoridade e predomínio entre os sexos, desenvolvendo projetos e intervenções em impugnação ao sexismo e à subordinação feminina. A família e a comunidade também podem contribuir nesse processo (ASSIS, CONSTANTINO e AVANCI, 2010).

Na escola, família e política e até para alguns cientistas permanece ainda a visão de que homens terem atitudes agressivas seja algo normal. Consentir com tal elucidação é não observar a existência de remunerações e estímulos sociais para condutas até cruéis de certos homens em relação aos que são considerados fracos, dentre os quais abarcam mulheres e crianças. Romper a corrente do machismo está ao alcance de professores que podem transformar atitudes, conceitos e valores dos jovens, podendo cooperar para que tal modelo de masculinidade perca sua potência, criando espaço e dando lugar à arte do engajamento e à persuasão pela potência do argumento (ASSIS, CONSTANTINO e AVANCI, 2010).

Estudos como o de Tognetta e Vinha (2010) e Toro, Neves e Rezende (2010) asseveraram sobre a importância da qualidade da relação professor-aluno para suprimir o bullying escolar. Gomes (2011) sugeriu outra opção de prevenção, sendo essa incluir o tema no conteúdo escolar.

Todos os programas anti-bullying precisam enxergar as escolas como sistemas complexos e dinâmicos, não tratando-as de maneira homogênea. Em cada ambiente escolar, é impreterível considerar as características sociais, culturais e econômicas de sua população quando forem desenvolvidas as estratégias (NETO, 2005).

Por intermédio de pesquisas, constatou-se que é necessário estudar o meio social, meio familiar e educacional para que possa ser gerada uma intervenção para a solução dos problemas existentes. Muitos desses casos ocorrem pelo desequilíbrio de poder que ocorrem nas escolas. A psicologia escolar estuda distúrbios de aprendizagem, junto com problemas de conduta e de personalidade, um psicólogo deve analisar a instituição, o meio de trabalho, aprender as relações que existem no meio ambiente, deve-se enfrentar a violência escolar, formando novos espaços e relações, tomando novas direções, que seja mais saudáveis, sempre tomando decisões realistas.

Para que uma intervenção feita por psicólogos possa ser realizadas, necessita de saber seu local de escuta, sabendo ouvir tudo e a todos, para que suas decisões possam ser mais precisas, buscar soluções através de ideias compartilhadas com professores e alunos, tornando mais eficaz suas alterações, promover reflexões sobre a violência, trabalhando para que possam ver se é necessário violência, com o intuito de percebermos que através dela não ganhamos nada, revertendo qualquer tipo de agressão para soluções mais eficazes e saudáveis, percebendo o erro e todas as suas características, para que assim as atuações preventivas possam ser tomadas da melhor forma, sendo primordial um psicólogo em cada âmbito escolar, para que essas medidas sejam tomadas antes de uma ocorrência de bullying.

Conclusões

O presente estudo tem como foco estabelecer fatores relacionados ao bullying. Apresentou-se, de forma estatística, como o bullying implantou-se em nossa sociedade, relatando incidências de bullying nas escolas e locais onde ele ocorre, relacionando a incidência de



bullying de acordo com o gênero. O bullying pode ocorrer no período adolescência e se estender para a vida adulta, causando consequências no futuro. Sugere-se uma mudança no sistema de educação, buscando orientar os jovens sobre as consequências do bullying, sendo papel da escola oferecer todo suporte psicológico com implantação de psicólogos na escola, tornando uma escola mais afetiva na vida do aluno, além de buscar medidas cabíveis através de estudos de erradicar o bullying em seu espaço através da educação.

Palavras-chave: adolescência, bullying e bullying escolar.

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA (ABRAPIA). Programa de redução do comportamento agressivo entre adolescentes, 2000.

ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/15275>. Acesso em: 02 de jun. de 2021.

BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1992. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-A-economia-das-trocas-simb%C3%B3licas.pdf>. Acesso em: 14 de mai. de 2021.

CRISTOVAM, M. A. S., OSAKU, N. O., GABRIEL, G. F. C. P., & ALESSI, J. R. D. (2010). Atos de bullying entre adolescentes em colégio público de Cascavel. Adolesc. Saúde, Vol. 7 nº 4 - Out/Dez, 2010. Disponível em: http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=245. Acesso em: 11 de mai. de 2021.

ELIAS, N. O Processo Civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1. (Uma história dos costumes). Disponível em: https://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/09/ELIAS_Norbert._O_processo_civilizador_volume_1.pdf. Acesso em: 29 de abr. de 2021.

FANTE, C. A. Z. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/ARQUIVOS/Downloads/Fen%C3%B4meno%20Bullying%20-%20educar%20para%20a%20paz%20-%20Cl%C3%A9o%20Fante.pdf>. Acesso em: 01 de jun. de 2021.

GOMES, P. B. (2011). Bullying: um desafio para nossas escolas. Revista Querubim, (14), 1-11.

KUHN, Q. L., LYRA, L. R., & TOSI, P. C. S. (2011). Bullying em contextos escolares. Unoesc & Ciência – ACHS, v. 2 n. 1 (2011). Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/675>. Acesso em: 11 de mai. de 2021.

LISBOA, C., BRAGA, L. L., & EBERT, G. (2009). O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidade de intervenção. Contextos Clínicos, vol.2 nº.1 São Leopoldo. Junho, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000100007. Acesso em: 02 de jun. de 2021.

LOPES, A. A., NETO. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria, 81(5), 164-172. Novembro, 2005. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/jped/a/gvDCihqgsGZCittLZBZYtVg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 de mai. de 2021.

NIKODEM, S., & PIBER, L. D. (2011). Estudo sobre o fenômeno bullying em escolas do ensino fundamental e médio da região noroeste do RS. *Vivências*, Vol.7, N.12. Maio, 2011. Disponível em: http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_012/artigos/artigos_vivencias_12/n12_10.pdf. Acesso em: 11 de mai. de 2021.

RISTUM, M. Bullying no contexto escolar: práticas e significações. In: CONFERÊNCIA MUNDIAL – VIOÊNCIA NA ESCOLA E POLÍTICAS PÚBLICAS, 4, 2008, Lisboa.

RISTUM, M. O Conceito de Violência de Professoras do Ensino Fundamental, 2001. Tese de Doutorado, Salvador: Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11857/1/Marilene%20Ristum.pdf>. Acesso em: 01 de jun. de 2021.

TOGNETTA, L. R. P., & VINHA, T. P. (2010). Até quando: bullying na escola que prega a inclusão. *Educação*, Santa Maria. Set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1171/117116968007.pdf>. Acesso em: 01 de jun. de 2021.

TORO, G. R. R., NEVES, A. S., & REZENDE, P. C. M. (2010). Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. *Psicologia: Teoria e Prática*, vol.12 no.1 São Paulo, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100011. Acesso em: 11 de mai. de 2021.